



O Divino Pai Eterno na TV: a (re) configuração das práticas religiosas do Santuário Basílica pelos dispositivos eletrônicos televisivos

Paulo Afonso Tavares¹

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS)

Resumo

Este artigo aborda a transformação da devoção do Divino Pai Eterno no município de Trindade, que nasce de uma experiência religiosa popular, passando pela romanização da diocese de Goiás e consolidando na midiática das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno.

Palavras-chave

Divino Pai Eterno; Catolicismo Popular; Romanização; Midiatização; Igreja Midiática.

Introdução

A devoção do Divino Pai Eterno inicia por volta de 1840 no antigo arraial Barro Preto, hoje município de Trindade, quando um casal de agricultores, Constantino Maria Xavier e Ana Rosa de Oliveira, ao roçarem um pasto ao lado do Córrego Barro Preto, encontrou um medalhão de barro, com a gravura da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

Com a descoberta, Constantino e Ana reuniam a gente humilde da região sempre aos sábados para rezar o terço. Em pouco tempo, a casa já não conseguia acolher tanta gente vinda de diferentes lugares de Goiás, a pé ou em carros de boi, para ali adorarem o Divino Pai Eterno, a primeira pessoa da Santíssima Trindade, representada como um velho calvo de barbas longas.

Com o passar dos anos essa devoção vai sendo reconfigurada conforme a Igreja Católica vai caminhando. Como o fenômeno da midiática da Devoção do Divino Pai Eterno é complexa, estudam-se primeiramente os

¹ Paulo Afonso Tavares é Mestrando em Ciências da Religião e graduado em Jornalismo pela PUC GOIÁS. Bolsista da Fapeg. E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com



conceitos de midiatização da religião, a comunicação eclesial, que dividimos em 5 fases para compreendermos a relação e a midiatização do Catolicismo e os Meios de Comunicação. Também discutimos conceitos-chaves para o esclarecimento da questão, como Catolicismo Popular e Romanização. Fazemos uma abordagem histórica do Mito do Pai Eterno e como os Missionários Redentoristas utilizam os meios de comunicação para a evangelização e divulgação desta devoção.

1º Midiatização da Religião

Para Puntel (2012) surge um novo modo de viver a religião. A identidade não é mais construída a partir da tradição, mas a partir da midiatização das práticas sociais que reorganizam os grupos numa nova dimensão. Sendo a midiatização que afeta as práticas sociais, afeta as práticas religiosas. Surgindo então um novo modo de ser no mundo, uma nova ambiência, caracterizada pelo processo de midiatização da sociedade, ainda pouco conhecida e explorada, mas que tem como uma de suas principais características o compartilhamento de informações, a participação.

A sociedade está se tornando cada vez mais midiatizada. Segundo Gomes, “se um aspecto ou fato não é midiatizado, ele parece não existir”. (2010, p. 163). Ou ainda: “Cada vez mais o fato, para ser reconhecido como real, deve ser midiatizado. Tudo é feito eletronicamente”. (2010, p. 164).

Gomes analisa que, “aceitar a midiatização como um novo modo de ser no mundo, coloca-nos numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal”. (2010, p. 163).

De acordo com Fausto Neto (2009, p. 4):

A midiatização consiste no desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos sócio-técnico-discursivos de produção, circulação e recepção de mensagens. Produz mutações na própria ambiência, nos processos,



produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais.

Logo as instituições religiosas não ficam fora desse processo. A midiática do catolicismo é marcada por amor e ódio da parte da Igreja pelos os meios de comunicação, como veremos.

2. Comunicação Eclesial

De acordo com Puntel (2012), os 1.500 anos que separam os primórdios da Igreja da era de Gutenberg, foram produzidos 87 documentos oficiais, visando ditar normas para imperadores, reis, bispos e fiéis, a fim de orientá-los de como se posicionar a frente aos escritos, livros e teatros.

É importante salientar que nesse período a Igreja também produziu textos e livros, ocupando-se da difusão, em latim, da Bíblia, também do pensamento de grandes doutores dos primeiros séculos, chamada a época de Patrística. Copiando e preservando para a posteridade nas “bibliotecas” dos conventos e universidades numerosos clássicos da literatura greco-romana. A Igreja também esteve atenta quanto à publicação de livros que considerava heréticos, condenando ao fogo, de preferência em lugares públicos.

A atenção da Igreja volta-se para os meios de comunicação impressos, depois da invenção da prensa por Gutenberg. Temos cinco grandes momentos do relacionamento da Igreja com a comunicação.

2.1. Primeiro Período (1450-1879)

Esse período caracterizado por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão. Período extenso e intenso projetado através da Inquisição. Nesta fase, a Igreja é a intermediária entre a produção do saber (não somente o teológico) e a sua difusão na sociedade.

Decorridos apenas trinta anos depois da impressão do primeiro livro – a Bíblia -, o Papa Inocêncio VIII publica o Inter Multiplices, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los. O Papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle



eclesiástico da produção cultural de seu tempo. Foi também neste período que a Igreja estabeleceu um rigoroso controle, examinando os livros suspeitos de heresias (oposição aos ensinamentos da Igreja). A Inquisição – nome do tribunal eclesiástico encarregado de punir todas as pessoas consideradas culpadas de ofensas contra a ortodoxia católica – tinha o direito de proibir os livros que julgasse perniciosos. As pessoas que se recusassem a mudar suas crenças eram condenadas a morrer na fogueira. Livros suspeitos eram também queimados. Em 1559, o Papa Paulo IV publica um Index de autores e de livros que não podiam ser editados nem lidos. Este Index foi aprovado por Pio IV, confirmado pelo Concílio de Trento e somente suspenso em 1966, pelo Papa Paulo VI.

Em 1766 o Papa Clemente XIII, referindo-se ao perigo das obras impressas de cunho anticristão, escreveu a encíclica *Christiane Reipublicae*, na qual essas obras eram condenadas e também eram reafirmadas os deveres dos bispos em combater a literatura imoral.

2.2. Segundo Período (1879-1957)

O segundo período inicia com Leão XIII, o Papa da encíclica *Rerum Novarum*, primeiro documento de doutrina social da Igreja, as coisas começam a mudar. Mesmo com a permanência da mentalidade da condenação de livros tidos como abusivos ou nocivos a fé e a doutrina, chega-se a ideia da “boa imprensa” criada para combater a outra, a “má imprensa”.

Leão XIII teve uma atitude inédita quando, em 1879, meses depois de eleito, concedeu a primeira entrevista coletiva de um Papa a jornalistas profissionais. Foi feita em latim e consistiu num discurso do Papa, sem perguntas dos jornalistas.

Conforme Puntel (2008), mesmo o Papa Leão XIII mantendo o padrão dos seus predecessores quanto aos ensinamentos, ele avançou na busca de um diálogo. Mais o que mais caracteriza Leão XIII foi sua abordagem, que ia além das lamentações oficiais do passado. Enfatizando que era necessário opor “escrito a escrito”, “publicação a publicação”, e falou muitas vezes dessa postura aos bispos de diferentes regiões.

Desta forma a Igreja começa a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão. A postura



eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um “campo de batalha”. A Igreja pensou do seguinte modo, se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal.

Durante o pontificado do Papa Pio X, que vai de 1903 até 1914, a posição da Igreja com os meios de comunicação de massa sofre certo retrocesso, expressando uma visão mais conservadora da imprensa nas suas duas encíclicas, *Pieni D’ Animo* (1906) e *Pascendi* (1907).

A encíclica *Pieni D’ Animo*, proíbe os seminaristas de lerem jornais e relembra aos sacerdotes que não deveriam escrever para revistas ou jornais sem licença, mesmo tratando-se de material puramente técnico. Querendo precaver-se contra ideias modernistas, como o evolucionismo e positivismo, Pio X introduz o imprimatur e o nihil obstat. Em outras palavras, cada diocese deveria montar um departamento de censura para avaliar e aprovar os trabalhos a serem publicados.

A Igreja teve sérias dificuldades de reconhecer os valores positivos dos meios de comunicação e em perceber suas potencialidades para atuar como instrumentos na defesa da dignidade dos seres humanos.

De qualquer maneira, apesar de sua forte atitude negativa, a Igreja começou, lenta e gradualmente, a perceber a utilidade dos meios eletrônicos de comunicação na difusão de suas mensagens e a servir-se deles. Durante o período de 1878 a 1939, a Igreja mostrou alguma flexibilidade em relação a imprensa e às novas tecnologias de comunicação, particularmente ao cinema e ao rádio, mas ainda se movia com cautela.

A evolução do cinema no início do século XX impressionou Pio XI, que se tornou pessoalmente interessado na recente invenção, criando em 1928 a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC). Sua encíclica *Vigilanti Cura* (1936) menciona o poder e o potencial do cinema como tecnologia de comunicação, mas parece mais interessada no impacto psicológico e moral que ele poderia ter sobre os indivíduos e a sociedade. Realmente, alguns progressos já tinham sido alcançados em relação à atitude defensiva da Igreja, mas não havia ainda confiança plena no novo meio, nem mesmo uma tentativa de abordá-lo de maneira diferente e mais positiva.



Com o passar dos anos houve muitas discussões para mudar as opiniões e parecer da Igreja sobre os meios de comunicação, considerados simplesmente meios de difusão de mensagens negativas consideradas “do mal”.

Foi somente com o Papa Pio XII (1939-1958) que a Igreja aprofundou e ampliou suas reflexões sobre as relações sociais dentro de uma sociedade democrática e sobre o papel da informação na constituição da opinião. O tema da opinião pública foi abordada em muitas palestras de Pio XII aos profissionais da comunicação.

O Papa Pio XII acreditando na influência dos meios de comunicação de massa e de seu grande potencial, escreveu a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* em 1957, sobre comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão. O interesse da Igreja pelo cinema foi demonstrado durante o pontificado de Pio XII, houve 46 diferentes intervenções sobre o cinema, que mostravam o interesse crescente da Igreja pelo papel das ciências sociais, especialmente a sociologia e a psicologia, na interpretação dos fenômenos cinematográficos.

2.3. Terceiro Período (1957-1980)

O terceiro período se inicia como uma fase fértil para a Igreja na aceitação e utilização dos meios de comunicação de massa, essa mudança acontece, a partir da renovação da Igreja no Concílio do Vaticano II (1962-1965), conforme aprofundaremos mais adiante. São Papas nesse período, João XXIII (1958-1963), Paulo VI (1963-1978), João Paulo I, cujo papado foi de 33 dias, João Paulo II. (1978-2005). No Concílio Vaticano II foi produzido o documento conciliar, *Inter Mirifica*, de 4 de dezembro de 1963.

Neste terceiro período, o imperativo para a Igreja era acertar o passo e adaptar-se ao mundo contemporâneo. Apresenta-se a necessidade imperiosa de renovação emergida do Vaticano II. Já no campo da comunicação, dá-se uma mudança brusca de rota, e desponta um deslumbramento ingênuo. A Igreja assume a postura de que é preciso evangelizar utilizando os modernos meios de comunicação. Admite que a tecnologia da reprodução eletrônica possa ampliar a penetração da mensagem eclesial. Aderindo os meios de comunicação para evangelizar.



2.4. Quarto Período (1980-1990)

A característica desse período no campo da comunicação eclesial é o da “Igreja Eletrônica”. A utilização dos dispositivos eletrônicos televisivos na evangelização, centrada na espetacularização da fé, sendo que esse fenômeno surgiu nos Estados Unidos, através das igrejas pentecostais, na década de 50, chegando logo em seguida ao Brasil, sendo aderidas pelas as igrejas Universal, Mundial e outras neopentecostais. Mais tarde a Renovação Católica uma vertente do catolicismo adere a esse fenômeno no Brasil.

Há condicionamentos de cunho sociopolítico, econômico e cultural para explicar o desenvolvimento desse fenômeno. Para a compreensão da relação da Igreja com os meios de comunicação de massa, não tem como não conhecer esse fenômeno, seu alcance, seus métodos e suas conseqüências.

Já no âmbito mundial da comunicação eclesial, o Papa João Paulo II publica a encíclica *Redemptoris Missio*, em 7 de dezembro de 1990, aparecendo pela a primeira vez na reflexão eclesial, não só a questão dos meios de comunicação mas a da cultura midiática.

2.5. Quinto Período (1990-dias atuais)

É o período de grande reviravolta da reflexão do Magistério eclesial em relação ao mundo da comunicação. É a época das novas mídias, das redes sociais, da internet, dos discursos sobre o papel da comunicação para a evangelização.

Nesse período pode perceber que na história dos documentos e pronunciamentos do Magistério da Igreja, em relação aos meios de comunicação de massa, ocorreu uma significativa evolução positiva. No que diz a respeito a novas mídias, a Igreja começa a expressar-se com mais clareza a respeito do impacto que elas têm na construção social, tanto que a Igreja passa a refletir sobre a comunicação não mais de forma restrita ou somente como “meios” ou “instrumentos” a serem usados ou dos quais devemos nos precaver. A Igreja passa a referir-se a eles como “um ambiente midiático”, no qual estamos imersos e do qual participamos.

Neste ambiente imerge a sociedade contemporânea, no espaço midiático, virtualizado. O tempo real desaparece. Centralizada na nova



cultura humana, está o desejo, a subjetividade e as emoções. Dessa ambiência midiática nasce uma nova cultura, a cultura midiática, pois a comunicação se apresenta progressivamente como elemento articulador da sociedade. Para a Igreja, essa ambiência traz desafios que ultrapassam o “uso” da tecnologia e tocam a esfera da cultura e da questão ética.

A Igreja entende que a cultura midiática e evangelização são duas realidades conciliadoras, portanto ver esse novo período com otimismo e esperança.

3. Divino Pai Eterno

Para uma melhor compreensão de como a midiatização interfere na Devoção do Divino Pai Eterno a reconfigurando, faz-se necessário um aprofundamento sobre o Mito e a formação desta devoção.

o início do mito da devoção do Divino Pai Eterno, no povoado de Barro Preto, atual município de Trindade, remonta ao ano de 1840, quando um casal de agricultores, Constantino Xavier e Ana Rosa, encontram um medalhão de barro com a imagem da Santíssima Trindade (Deus Pai – “Divino Pai Eterno”, Deus Filho – “Jesus Cristo” e o Espírito Santo) coroando a Virgem Maria.

Quando um casal de agricultores, Constantino Maria Xavier e Ana Rosa de Oliveira, ao roçarem um pasto ao lado do córrego Barro Preto, encontraram um medalhão de barro, com a gravura da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

Com a descoberta, Constantino e Ana reuniam a gente humilde da região sempre aos sábados para rezar o terço. Em pouco tempo, a casa já não conseguia acolher tanta gente vinda de diferentes lugares de Goiás, a pé ou em carros de boi, para ali adorarem o Divino Pai Eterno, a primeira pessoa da Santíssima Trindade, representada como um velho calvo de barbas longas.

A primeira capela, coberta de folhas de buriti, foi construída pelos habitantes em 1843. Os devotos vinham de todo lugar, trazendo presentes e ofertas. Já em 1850 foi erguida uma capela de alvenaria, coberta de telhas. No mesmo ano surgia o patrimônio da igreja, com doações de terras pelos fazendeiros do arraial.

De acordo com Parker (1996), o catolicismo popular se refere às manifestações coletivas que exprimem a maneira de sentir, de perceber e



conceber as angústias, as necessidades e os anseios que não encontram respostas adequadas ou suficientes nos espaços do catolicismo oficial, ou seja, nas expressões religiosas do catolicismo institucional.

Sendo que o núcleo do catolicismo oficial seja o mesmo do catolicismo popular, como a devoção aos santos e a Maria, mas as formas de expressá-las são diferentes. Sendo que o primeiro está mais ligado ao espaço da ortodoxia, da instituição e do privado e o segundo tem uma maior participação do povo, é leigo e comunitário. É o que afirma Paleari (1990), o catolicismo oficial (romanizado) é “qualitativamente diferente do catolicismo popular. Aquele é marcado pelos santos e pelos leigos e, este, pelos sacramentos e pelo padre”.

Já para Santos (1984), a religião dominante é a religião oficial, considerada como verdadeira, enquanto que a outra, a dominada, é tida por meras superstições, credices, fanatismos. Evidencia-se, assim, a produção simbólica de um sistema rotulado, de acordo com as posições definidas, no campo religioso, e na sociedade de classes: o Catolicismo Oficial-Dominante e o Catolicismo Popular-Dominado. Nesse sentido, Beozzo (1992, p. 18), afirma:

“Não é fácil atingir a consciência religiosa do pobre, dos escravos, dos índios. Na análise do comportamento religioso nota-se a existência de um campo em que parecem encontrar-se os oprimidos e os opressores, em sua atitude perante a realidade. Os que detêm o poder procuram sacralizar, em nome de Deus, a ordem, a situação, e em nome de Deus combatem as mudanças: a realidade é esta, e não deve ser de outra maneira. Os que nada possuem, fatalistas, acham que têm de ser assim mesmo, que não pode ser de outra maneira. O encontro se dá na conclusão de que a realidade é intocável.”

Azevedo *apud* Santos (1984), afirma que o Catolicismo Formal se traduz em uma religião escatológica, de salvação, cujos padrões de santidade e conduta moral se alicerçam no outro mundo, ao passo que o Catolicismo Popular procura atrair os poderes do outro mundo para auxiliar o homem, aqui



neste mundo, não havendo preocupação com a espiritualidade dos santos, tampouco com padrões de comportamentos éticos, estabelecidos pelo Catolicismo Formal.

Já Oliveira *apud* Santos (1984, p.88), define Catolicismo Popular como aquele “em que as constelações devocional e protetora prismam sobre as constelações sacramental e evangélica”.

Sendo que esta característica, leiga do catolicismo popular se dá, devido a escassez de padres no interior rural do Brasil, obrigando a população, organizarem, suas crenças e devoções. Criando as irmandades e confrarias leigas, onde o contato é feito diretamente ao santo protetor sem a mediação clerical.

Sendo que o início da devoção do Divino Pai Eterno em Trindade, coincidem com o período de vigência do Padroado no Brasil, e pela escassez de padres na diocese de Goiás, que abrangia um grande território, correspondendo os Estados de Goiás, Tocantins e uma parte de Minas Gerais. Portanto a função do clero no santuário aparece inicialmente muito reduzida, limitando-se às visitas e as assistências estritamente religiosas, através da administração dos sacramentos e dos atos litúrgicos em geral, sendo que o padre era pago para realizar essas atividades religiosas. Já a administração material competia ao elemento leigo.

Os registros da Paróquia de Campinas, responsável pelo Santuário de Trindade, mostram que a paróquia ficou 12 anos sem os cuidados de um vigário. Sendo que administração do Santuário passou aos cuidados de uma irmandade de leigos, composta de três elementos, presidente, tesoureiro e secretário, que de acordo com dom Eduardo, 5º bispo de Goiás, em sua autobiografia, a Irmandade do Pai Eterno usufruía dos rendimentos anuais da romaria e do Santuário em geral, sem vantagem alguma para a igreja.

Já o Catolicismo Romanizado nasce como resposta ao fenômeno da modernidade e laicização e da separação Igreja-Estado. Se expressa na versão tridentina, oficial e centralizada dos chamados Bispos "reformadores" brasileiros sob a direção da Santa Sé com o apoio das congregações europeias. O avanço das ideias liberais da modernidade laica restringiu o poder da Igreja na sociedade. Como reação a este fenômeno, ela procurou reforçar sua organização interna, face ao "perigo" que a rodeava, numa postura



defensiva: o anti-modernismo. Desenvolve sua religiosidade dentro dos marcos do templo sob rígido controle clerical, centrado no culto do altar / púlpito / confessionário levando seus fiéis a uma atitude de rejeição à modernidade do seu em torno, na forma de desagravo e reparação dos "ultrajes" que os "hereges" do mundo praticam a Jesus e a Maria.

De acordo com Tavares (2012), o recém ordenado bispo de Goiás, Dom Eduardo, que tinha como missão de estruturar a diocese goiana, que até então estava abandonada espiritualmente por parte do clero, visitou Trindade em 1891, foi ver com seus próprios olhos o estado de decadência da romaria. Constatou que havia ali, por ocasião da festa.

O bispo observou ainda a má fé e a exploração dos membros da Comissão ou Irmandade do Divino Pai Eterno, que cuidava da Romaria e Santuário de Trindade.

Ele insistiu na prestação de contas da romaria daquele ano. Depois de três dias apareceu o tesoureiro e confessou que tinha gastado o dinheiro na compra de bois. “Dissolvi a Comissão e nomeei administrador do Santuário o Pe. Francisco Inácio de Sousa, até que eu pudesse lá instalar uma congregação religiosa, como de fato mais tarde o fiz”. (TAVARES, 2012, p.27).

Quanto à renda da romaria, assim previa um dos artigos do regimento da irmandade do Divino Pai Eterno: “A metade pertencerá ao Presidente da Irmandade e a outra metade será em partes iguais distribuídas entre o Tesoureiro, Secretário e Zelador”. Concluiu o Bispo: “Irmãos de mesa, irmãos de cobre é que eles eram”.

Enquanto todo Estado de Goiás estava abandonado espiritualmente por falta de sacerdotes, os redentoristas da Alemanha (Baviera) não podiam exercer o ministério apostólico por lei injusta do “Kulturkampf”, que os confundiu com os jesuítas, contra os quais se movia perseguição aberta. Em 1893, Dom Eduardo rumou para Roma, para a visita “ad limina” e obter religiosos “a fim de se cristianizarem as romarias”. Onde vieram os Missionários Redentoristas da Baviera na Alemanha no dia 12 de dezembro de 1894. Fundando associações religiosas e caritativas, incentivaram o catecismo para as crianças e a catequese para os adultos. Introduziram outras solenidades religiosas, especialmente a celebração da semana santa com cerimônias e cantos religiosos.



Abrilhamaram as romarias com bandas de músicas, missas cantadas e fogos de artifícios. Construíram o Santuário Matriz no breve espaço de um ano (1911-1912), bem como um amplo salão para romeiros doentes.

Em 1920 instalaram a luz elétrica na igreja e na praça. Os irmãos coadjuutores eram carpinteiros, marceneiros, pintores, escultores e mecânicos. Muitos trabalharam em Trindade.

Os missionários redentoristas preocupavam-se, ainda, com as obras culturais e cívicas. Trouxeram as irmãs Franciscanas de Campinas que, infelizmente, não foram bem recebidas por algumas pessoas. Não puderam mais lecionar em Trindade e suprimiram a fundação. Promoveram-se festas cívicas, representações teatrais e inaugurou-se a projeção de filmes de orientações sadia.

Mas a midiaticização dessa devoção se inicia com os Missionários Redentoristas, quando eles criam em 1922 o jornal “Santuário de Trindade”, para divulgação da devoção do Divino Pai Eterno. Já na década de 40, começaram as transmissões das celebrações do Santuário na radio Difusora de Goiânia, propriedade dos Missionários Redentoristas, para todo o Estado de Goiás.

Em 2004 é criada a Associação Filhos do Pai Eterno – Afipe, pelo reitor do Santuário Basílica de Trindade, padre Robson de Oliveira, com a finalidade de proporcionar auxílio na vivência da fé e propagar a devoção ao Divino Pai Eterno pelos meios de comunicação social,

Através da doação espontânea e fiel de cada devoto, foi possível montar uma estrutura televisiva, incluindo uma produtora, para transmitir, ao vivo, as celebrações do Santuário Basílica, as Novenas diárias do Divino Pai Eterno e do Perpétuo Socorro e o Santo Terço dos Filhos do Pai Eterno, além do Programa Pai Eterno (site: paieterno.com.br).

O associado da Afipe recebe mensalmente uma carta escrita pelo o padre Robson. A postagem traz ainda testemunhos e brindes esporádicos, além de uma ficha de cadastro, para que o mesmo convide parentes e amigos



a se tornarem membros dessa associação, além de um boleto para contribuir com a Afipe. Com essa renda é possível o Santuário Basílica arcar com todas as despesas das transmissões de missas pela a TV, novenas, terços e programas.

4. Reconfiguração da Devoção

Conforme Puntel (2012) a Igreja Católica, no Brasil, depois de perder espaço na mídia televisiva e fiéis, uma parte dos católicos ligados ao movimento da Renovação Carismática dá passos seguros em direção à profissionalização e de investimentos pesados na mídia.

É nesse cenário que surge em 1995 a Rede Vida de televisão, quando o governo brasileiro outorgou a concessão do canal de televisão, o canal 11, com sede em São José do Rio Preto – SP. Configurando como uma emissora católica que transmite os mais variados tipos de programação devocionais. Hoje, ela insere em sua programação outros formatos e opera como qualquer outra televisão comercial, possuindo telejornais, programas de debates e transmissão de futebol.

É nessa nova ambiência que o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno com renda oriunda da Afipe, começa a transmitir a sua programação pela a Rede Vida de televisão. Missas: Segunda, terça, quinta e sexta às 7h, Quarta às 9h, Sábado às 7h e 17h30 e Domingo às 17h30. Novena dos Filhos do Pai Eterno: todos os dias às 6h30, Segunda a sexta: 10h, 17h e 20h Sábado: 12h e 21h, Domingo: 9h. Terço em honra ao Pai Eterno: Todos os dias às 6h. Programa Pai Eterno, com notícias sobre a construção da nova Basílica do Divino Pai Eterno, curiosidades sobre Trindade, depoimentos dos romeiros e etc: Segunda a Sexta: 7h45, reapresentação do Programa: segunda a sexta: 10h30.

Para trabalhar com a midiatização da religião, nos apoiaremos em Gomes (2010, p.30) que faz a análise das consequências da midiatização da religião,

O debruçar-se sobre a relação da mídia com a religião permite ver que sua consequência mais imediata é o deslocamento do espaço tradicional, acanhado e restrito dos templos, para um



campo aberto e multidimensional. A lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela a lógica da mídia moderna que se dirige a um público anônimo, heterogêneo e disperso. Desse modo, as táticas dos pregadores, sua oratória e desempenho deixam-se impregnar pelas leis da comunicação de massa, principalmente do rádio e da televisão.

Portanto ocorrendo mudanças de duas ordens, segundo Gomes (2010), do ministro do culto e seus acólitos, de um lado, e dos fiéis de outro. Sendo que no primeiro caso, o conteúdo da mensagem cede lugar à postura corporal, aos gestos, ao canto, à dança. Sendo que há uma adaptação da mensagem religiosa às exigências midiáticas para que tenha eficácia e possa atingir as pessoas em seus sentimentos. Sendo que a emoção toma o lugar da razão.

Já no segundo caso, os fiéis deixam de serem atores do evento religioso para se tornarem assistentes. Ocorrendo um deslocamento, pois a comunidade de fé sai de cena, dando lugar ao conjunto de telespectadores.

Gomes (2010, p. 30-31) apresenta uma explicação para essa mudança,

O deslocamento identificado parece ter sua explicação, em primeiro lugar, no desencanto moderno com as formas tradicionais das igrejas históricas. Os cultos e ações dessas Igrejas cada vez mais perdem espaço no coração do ser humano contemporâneo. Desse modo, criam-se novas formas de chegar até esse ser. Se as pessoas não vêm ao templo, o templo vai até elas. Entretanto, esse movimento de deslocar-se do centro para as margens, via processos midiáticos, exige que se façam concessões aos padrões de comportamento ditados pelos meios de comunicação: tanto no que diz respeito à lógica de produção de mensagens quanto no que se refere à do consumo de bens culturais, no caso, culturais religiosos. Uma nova Igreja é criada, universal e virtual. Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão.

De acordo com os autores pesquisados, pretende-se analisar a devoção midiaticizada do Divino Pai Eterno. Sendo que a pesquisa evidencia que os processos de midiatização fazem com que a devoção em si seja reconfigurada



e que o campo religioso passa a estreitar e a desenvolver complexas relações com o midiático, reestruturando os modos de organização de seus rituais para adaptá-los às lógicas midiáticas.

5. Conclusão

A midiáticação das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno pelos dispositivos eletrônicos televisivos, constitui-se num processo complexo em que a televisão apoia-se em cerimônias intrínsecos à praticas religiosas do Santuário Basílica para gerar a sua própria cerimônia, segundo estratégias singulares de produção de sentidos. A partir de fatores constitutivos de seu campo, a televisão, juntamente com o desenvolvimento de ações de outros campos sociais, incide sobre as práticas religiosas do Santuário Basílica, transformando historicamente seu conceito, o que resulta nas práticas religiosas midiaticadas. As alterações nos dispositivos midiáticos que atuam nas práticas religiosas do Santuário Basílica – do sistema de som para a visibilidade nacional – incidem sobre o conceito de práticas religiosas, já que outras simbólicas são destacadas e mostradas.

A midiáticação das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno pela a televisão representa um processo crescente de atuação dos dispositivos midiáticos sobre ações antes desenvolvidas apenas pelo campo gestor desses acontecimentos. Com a midiáticação pela televisão, gera-se outra cerimônia que não a religiosa, mas a midiática.

Trata-se de uma midiáticação que, historicamente, faz com que sejam efetuadas alterações nos modos de construção do cerimonial religioso, transformando a própria noção de cerimônia religiosa. Altera-se o formato litúrgico das celebrações para que ela possa se adequar melhor à televisão e diminui-se o tempo da celebração para se adequar ao horário de transmissão.

Mesmo pertencendo a uma fundação que é gerenciada por representantes do campo religioso, a Rede Vida opera sobre as práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno a partir de lógicas midiáticas, transformando esse acontecimento religioso numa outra gramática. Portanto as práticas religiosas é co-determinadas e construídas pelos modos de funcionamento da lógica midiática e não pelas características do campo religioso.



6. Bibliografia

BEOZZO, José Oscar (coord.). **História Geral da Igreja na América Latina: História da Igreja no Brasil**. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes; Edições Paulinas, 1992.

FAUSTO NETO, Antonio. **A Mídiação produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim**. IHU, São Leopoldo, ano 5, n. 35, 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em mídiação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

PALEARI, Giorgio. **Religiões do povo: um estudo sobre a inculturação**. São Paulo: Ave Maria, 1990.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PUNTEL, Joana T. Contribuições e desafios das mídias católicas. 3 abr. 2008. Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/content/article/40-ministro-de-comunica-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>. Acesso em: 23 jun. 2014

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Missionários Redentoristas Alemães Em Goiás**, Uma Participação nos Movimentos de Renovação e de Restauração Católicas – 1894 a 1944. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Trindade de Goiás – Uma Cidade Santuário. Conjunturas de um Fenômeno Religioso no Centro-Oeste Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás – UFG. Programa de Pós-Graduação em História, 1976.

TAVARES, Paulo Afonso. **Santuário Matriz: 100 anos de acolhida e evangelização**. Goiânia: Editora Kelps, PUC Goiás Editora, 2012.